



## A RETÓRICA DA IDENTIDADE EM “POEMA DE UM ASSIMILADO”, DE AGNELO REGALLA

João Adalberto Campato Jr.  
Universidade Brasil (UB/BRASIL)  
E-mail: campatojr@gmail.com

**Resumo:** A assimilação nomeia um processo em que grupos culturais adquirem os costumes de outros povos, o que ocorre com frequência numa situação de contato entre grupos dominadores e grupos dominados principalmente do ponto de vista de poderio militar e econômico, como se verificou, por exemplo, durante períodos de colonização. O processo de assimilação é realizado de forma mais ou menos tensa, dependendo das negociações de identidade que aí ocorrem. A assimilação tornou-se um programa sistemático no governo do ditador português António Salazar (1889-1970), que, entre outros planos, pretendia com ela enfraquecer a cultura original dos africanos colonizados por Portugal, estabelecendo uma elite colonizada europeizada e colaboradora da metrópole. No centro desse contexto, situa-se “Poema de um Assimilado” (1973), do escritor guineense Agnelo Regalla. Trata-se de um texto confessional no qual se vislumbra um posicionamento militante do escritor a respeito da fragmentação da identidade cultural que o colonialismo e a assimilação ocasionam. Com efeito, pretende-se, neste artigo, de delineamento qualitativo e bibliográfico, submeter o poema de Regalla ao método retórico de análise textual de modo a evidenciar a sua organização persuasiva e os numerosos efeitos de sentido daí advindos.

**Palavras-chave:** *Retórica. Assimilação. Agnelo Regalla.*

**Abstract:** Assimilation names a process in which cultural groups acquire the customs of other peoples, which often occurs in a situation of contact between dominant groups and dominated groups mainly from the point of view of military and economic power, as was verified, for example, during periods of colonization. The assimilation process is carried out in a more or less tense way, depending on the identity negotiations that take place there. Assimilation became a systematic program under the government of Portuguese dictator António Salazar (1889-1970), who, among other plans, intended to weaken the original culture of Africans colonized by Portugal, establishing a Europeanized colonized elite that collaborated with the metropolis. At the center of this context is “Poema de um Assimilado” (1973), by Guinean writer Agnelo Regalla. It is a confessional text in which the writer's militant

position regarding the fragmentation of cultural identity that colonialism and assimilation cause is glimpsed. In fact, the aim of this qualitative and bibliographical article is to submit Regalla's poem to the rhetorical method of textual analysis in order to highlight its persuasive organization and the numerous meaning effects arising from it.

**Keywords:** *Rhetoric. Assimilation. Agnelo Regalla.*

## Introdução

A Guiné-Bissau situa-se na costa oeste da África, tendo sido “descoberta” em 1446 pelos portugueses. Trata-se de nação composta de variadas etnias e de costumes singulares. Dos cerca de 2 milhões de habitantes, 99% deles são africanos negros. No que tange a grupos religiosos, mencionem-se os animistas, os mulçumanos e os cristãos, caracterizando um vigoroso e rico cadinho cultural.

Ex-colônia de Portugal, herdou o português como língua oficial, embora o Kriol seja o idioma mais amplamente falado. As lutas independentistas, iniciadas em 1963, foram violentas e complexas, levando a Guiné-Bissau à independência política a 24 de setembro de 1973. Todavia, a nova situação foi reconhecida por Portugal somente em 1974. O país apresenta dificuldades econômicas e relativa instabilidade política interna traduzida em golpes de estado, ações de autoritarismo, ameaças aos direitos humanos e problemas advindos da sua condição de ex-colônia.

Diferentemente da literatura oral, a literatura escrita é tardia na Guiné-Bissau. Isso se explica pela colonização a que o país foi submetido, a saber, a modalidade de exploração e não a de assentamento. Surgiu daí algum desinteresse pela educação formal e institucional, com modesta implantação de estruturas educacionais e culturais. Nessa situação, era pequena a porcentagem de guineenses que dominavam o português na modalidade escrita.

A Guiné-Bissau, do conjunto das colônias lusas, foi aquela em que mais tardiamente a literatura se desenvolveu. Os elementos que explicam essa condição são múltiplos. Primeiramente, uma política educativa colonial restritiva e tardia. O primeiro estabelecimento de ensino secundário funcionou, na Guiné-Bissau, tão somente a partir do ano de 1958. Data de 1924 a fundação do primeiro jornal do país, o *Pró Guiné*. A instituição pioneira de ensino secundário apenas foi fundada em 1958. A primeira editora privada do país, a Ku Si Mon, estabeleceu-se em 1994. Em quase tudo, verificou-se o atraso das condições socioculturais instigadoras de vocações e carreiras literárias. (Campato Jr, 2013).

As condições precárias resultantes do colonialismo, do neocolonialismo, da colonialidade e da globalização – todas mantendo uma estrutura de poder econômico e simbólico herdada do imperialismo europeu e do “imperialismo” daquelas mentalidades guineenses colaboradoras da metrópole - explicam

uma sociedade guineense fraturada, cuja identidade foi fragmentada, marginalizada e alvo de um processo sistemático de preconceito racial e de alienação a ponto de muitos africanos negarem suas raízes.

Conforme se nota, o presente artigo gira em torno de questões relativas à identidade de povos que foram colonizados por processos imperialistas dos quais ainda sentem as consequências desestabilizadoras tanto no aspecto material quanto simbólico.

Afunilando essa perspectiva de estudo, será realizada uma reflexão de como tal processo atuou na Guiné-Bissau levando em consideração um dos seus literatos mais influentes, Agnelo Regalla. Para tanto, o *corpus* de análise será constituído por sua célebre composição “Poema de um Assimilado” (1973), submetida a um exame retórico baseado em Tringali (1998, 2014). Objetiva-se evidenciar que o modelo retórico de análise contribui para trazer à tona de forma apurada e sistematizada múltiplos sentidos relativos à concepção de identidade fragmentada, típica de sujeitos colonizados e presente em “Poema de um Assimilado”

Em termos de composição, há de adiantar que a próxima seção do artigo será consagrada a uma sintética visão da periodização da literatura em língua portuguesa na Guiné-Bissau. No seguimento, a retórica e seu modelo de análise textual ocuparão o centro das atenções, que, depois darão lugar, a uma discussão sobre a identidade. Por fim, na seção mais densa, será examinado do ponto de vista retórico o “Poema de um Assimilado”, de Agnelo Regalla.

## PERIODIZAÇÃO LITERÁRIA DA GUINÉ-BISSAU

Até o momento não há periodização sistemática e completamente funcional da literatura da Guiné-Bissau em língua portuguesa, descrevendo em detalhes seu processo evolutivo, incluindo origens, sedimentação e eventuais inovações.

Em *A Literatura na Guiné-Bissau* (1997), de Aldónio Gomes e Fernanda Cavacas, existem menções a uma literatura colonial e a uma literatura de “sabor nacional”. Cabem nesta última etiqueta “aqueles que tragam estilística e sociologicamente a marca de algo que seja verdadeiramente guineense, que expressem pela forma e pelo conteúdo, algo que lhes dê individualidade guineense” (1997, p. 33).

Moema Parente Augel não estabeleceu períodos literários em *A Nova Literatura da Guiné-Bissau* (1998). Nada obstante, ela distinguiu uma literatura de temática ou de inspiração guineense (perspectiva exógena e eurocêntrica, discriminatória, pejada de exotismo e de paternalismo) de uma literatura guineense propriamente dita, cujo marco temporal seria o ano de 1963, quando aparece, ainda

na época colonial, o livro *Poemas*, de Carlos Semedo, “a primeira publicação individual no âmbito da beletrística de autoria de um filho da terra na ainda colônia da Guiné” (1998, p. 65).

Verbetes consagrados à literatura guineense de duas obras enciclopédicas de indiscutível mérito e profundidade, também, abdicam de dividir a literatura do país em períodos ou estilos. Trata-se da *Enciclopédia Biblos* (1997, v.2, p. 934-938) e do *Dicionário Temático da Lusofonia* (2005, p. 629-630). O primeiro verbete é da lavra de Maria Aparecida Ribeiro, ao passo que o segundo é assinado por Maria Luísa Baptista.

Em 2010, surgiu o número 20 da *Papia: Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares*, cujos autores são Hildo Honório do Couto e Filomena Embaló. Com efeito, aí se encontram duas tentativas de periodização mais metódica da literatura da Guiné-Bissau em língua portuguesa. A primeira das tentativas remonta a 2004, e foi publicada, originalmente, no sítio da Associação Contributo, com o título de “Breve resenha sobre a literatura da Guiné-Bissau”, de autoria de Filomena Embaló.

As quatro fases em que Filomena Embaló dividiu a literatura da Guiné-Bissau são:

- 1) Fase anterior a 1945: autores coloniais;
- 2) Período entre 1945 e 1970: surgimento da poesia de combate;
- 3) Dos anos 1970 ao fim dos anos 1980: literatura exclusivamente poética, com poesia de combate e poesia intimista;
- 4) Da década de 1990 em diante: poesia mais intimista.

A segunda tentativa de periodização – de Hildo Honório do Couto e feita à luz da história política do país – propõe as seguintes fases: 1) Período Colonial (1594-1962); 2) Período da Luta pela Independência (1962-1973); 3) e Período Pós-Independência (1973 aos dias de hoje).

Consoante se repara, aguardam-se novos e alentados estudos centrados na literatura da Guiné-Bissau tematizando não apenas sua periodicidade como também seus escritores, sua temática, ideologia e estilo. Dos países africanos de língua portuguesa, a Guiné-Bissau é aquele que menos tem recebido a atenção especializada dos críticos literários e historiadores da literatura.

## A RETÓRICA

O fenômeno da linguagem tem sido abordado de diversas maneiras no decurso do tempo resultando em consequências teóricas e práticas que se revelam de destacado valor e de incalculado alcance até mesmo filosófico.

As concepções de teor tradicional descrevem a linguagem como uma espécie de representação do mundo e do pensamento e como instrumento de comunicação. Mais recentemente, no entanto, desenhou-se uma trilha que conduz o estudioso a examinar a linguagem como forma de ação ou lugar de interação. Nessa concepção, a linguagem constitui um verdadeiro espaço de confronto das subjetividades e das identidades, em que os interlocutores procuram agir uns sobre os outros, negociando sentidos, trocando percepções e estimulando ações. (Koch, 2010; Travaglia, 2009; Rodrigues, 1996).

É preciso cada vez mais acentuar que a linguagem já não se esgota em seu aspecto referencial, beirando o ato mecânico de designar o mundo sem levar em consideração o outro da comunicação, tampouco a maquinaria do processo de enunciação. Igualmente não se esgota na tarefa de transmitir linearmente mensagens sem perceber que a linguagem se situa num quadro de referências comunicacionais muito mais completo e interativo do que habitualmente se crê.

Isso considerado, a linguagem como atividade ou processo de ação e reação, voltada para um evento prático e palpável, vem à tona uma vez que ela constitui espaço de interação humana, modo de operação social, favorecendo os interlocutores a se exercitarem em atos persuasivos que implicarão diretamente na alteridade do processo dialógico e na transformação desses mesmos interlocutores,

Essa última concepção de linguagem é a que melhor ilustra a filosofia e o funcionamento da retórica, suporte teórico e método de análise dos quais se valerá este artigo. É possível afirmar que a retórica se revela o primeiro exame metódico sobre a linguagem humana.

Inserida no quadro da pólis grega em que o debate das questões públicas é favorecido, a retórica aborda a comunicação com base na persuasão. Ademais, inaugura-se com a retórica o estudo da linguagem não com base na “língua”, mas do “discurso”. Ao esquadrihar a persuasão, a retórica enveredou-se por temas que, até hoje, ecoam no Direito, na Psicologia, nas Ciências da Linguagem, na Literatura e nas artes em geral. (Campato Jr., 2023)

A retórica concerne à persuasão pelo discurso verbal, que pode convencer, comover e agradar em diversas combinações. Convencer situa-se no campo da lógica; comover é uma persuasão de ordem afetiva. Já agradar liga-se a uma persuasão estética, baseada no gosto (Tringali, 1998, 2014).

A retórica greco-latina empenha-se na construção do conjunto de todas as partes do discurso persuasivo: a invenção, a disposição, a elocução, a ação e a memória. A invenção caracteriza-se como a atividade de encontrar provas sobre um assunto verossímil, provável ou que gera opiniões. As provas

classificam-se como lógicas ou psicológicas. Se lógicas, dividem-se em silogismos e exemplos; quando psicológicas, em éticas (imagem positiva do orador) e patéticas (emoções provocadas no auditório).

A disposição é um plano padrão da composição do discurso (Reboul, 2004). Assim, costuma-se balizar o discurso em exórdio (início do discurso), proposição (tese), partição (tópicos a serem seguidos pelo orador), narração (os acontecimentos importantes para a persuasão), argumentação (apresentação e refutação das provas) e peroração (conclusão do discurso). A elocução, terceira etapa da preparação da peça retórica, consiste na expressão linguística e estilística do discurso, em que se reveste de linguagem verbal o material encontrado na invenção e ordenado pela disposição. Segue-se a tudo isso a memória, exercício de decorar o texto a ser apresentado, haja vista que os discursos eram decorados e expressos de forma oral. Compõe o derradeiro estágio de formulação do discurso a ação, atividade de pronunciar o texto. (Campato Jr, 2023)

Estabelecido um ou outro elemento da técnica retórica, resta apoderar-se de um modelo de análise textual nela estribado (Tringali, 1998, 2014) e com o amparo do qual se efetuará a interpretação do texto literário africanos de língua portuguesa “Poema de um Assimilado”, fazendo vir à tona sua dimensão persuasiva no contexto mais genérico de uma visão colonialista e identitária. Saliente-se que o citado método consta de várias etapas, que, neste trabalho, foram reduzidas a um número inferior.

### **Figura 1**

#### *A Retórica como método de abordagem textual*

<i>TEMA e QUESTÃO</i>	Avaliar o tema do discurso e o que se discute. A questão surge da problematização do tema.
<i>PROPOSIÇÃO</i>	Indica-se o que o orador pretende provar (tese)
<i>ORADOR/AUDITÓRIO</i>	Determina-se o orador e o auditório do discurso, e como o primeiro adapta sua argumentação ao segundo.
<i>GÊNERO DO DISCURSO</i>	Se o discurso faz parte do gênero judiciário, demonstrativo ou deliberativo.
<i>INVENÇÃO</i>	Examinam-se as provas lógicas, patéticas e éticas. Estudo da Argumentação e da refutação.

<i>ELOCUÇÃO</i>	Análise estilística e gramatical do discurso
<i>IDEOLOGIA</i>	Considera-se a ideologia que o texto retórico encerra.

Fonte: Adaptado de Tringali (1998, 2014) pelo autor.

## QUESTÕES IDENTITÁRIAS EM PAÍSES COLONIZADOS

No debate das questões essenciais que tocam os seres humanos atualmente, a identidade ocupa papel sem dúvida nuclear. Mais nuclear ainda é semelhante reflexão se tais pessoas são povos originários, LGBTQia+, minorias políticas, sociais ou povos subalternizados e periféricos silenciados e oprimidos, como, por exemplo, as mulheres, os negros, os indígenas, os mestiços, os quilombolas, os homossexuais, os ribeirinhos, entre outros.

Perscrutar as literaturas africanas de língua portuguesa pode figurar auspicioso nessa exata direção, porquanto “a linguagem está no cerne da construção, tanto individual quanto coletiva, do sujeito”, conforme acentua Charaudeau (2015, p.13), que prossegue notando que é por meio da linguagem que se instaura a relação de si com o outro. Mediante a linguagem, conceitua-se tudo, extraíndo-se o mundo da sua realidade empírica a fim de que ele possa significar. Não passe sem comentário, por sinal, que é com o concurso da linguagem que se exerce o ato de valorar. Ao fim e ao cabo, pela linguagem, destina-se às pessoas a possibilidade de interrogarem-se a si próprios e aos outros

A relação entre discurso e identidade – e igualmente retórica – é bem explicitada por Moita Lopes (2002, p.31) nestes termos:

O discurso como construção social é, portanto, percebido como uma forma de ação no mundo. Investigar o discurso a partir dessa perspectiva é analisar como os participantes envolvidos na construção dos significados estão agindo no mundo por meio da linguagem e estão, desse modo, construindo a sua realidade social e a si mesmos.

O dispositivo de construção identitária origina-se na convergência da percepção de uma diferença e no estabelecimento de uma relação com o outro, em movimento de atração (absorver o outro) e de repulsa (estereótipos, preconceito). Sendo objeto de um processo imperialista de colonialismo - que ainda prossegue oprimindo numa ação de colonialidade e de globalização -, o literato africano problematiza naturalmente sua identidade fragmentada à força: (Quem sou eu? Quem é

o outro que me vê e que, por vezes, me impõe uma identidade? Qual é a minha cultura? A que modo de vida pertença? Posso pertencer, a um só tempo, a um modo de existência africano e europeu? Devo me alinhar ao antigo colonizador ou recuperar a minha identidade? Minha cultura é inferior à do europeu? Até que ponto posso ceder ao antigo colonizador sem trair minhas origens? Como opera a identidade do africano em tempos de identidades fragmentadas de que trata Stuart Hall (2006?). Essas questões fomentam e produzem considerável parcela dos significados dos textos africanos.

Menciona-se aqui “uma” identidade africana por força de expressão, tendo em vista que o mais acertado são identidades africanas, no plural. Ainda por cima, cabe compreender que as identidades não se assentam em supostas essências, não sendo fixas, nem unificadas. Pelo contrário, demonstram-se mutáveis, inacabadas. Trata-se de construções culturais, discursivas, efeitos de processos de negociação mais ou menos tensos, mais ou menos rápidos. As identidades, quanto ao mais, são influenciadas pelos multipertencimentos e suas circunstâncias contextuais: por ser homem negro, alguém é oprimido; mas, por ser homem, alguém pode ser opressor; e, por ser operário, alguém pode ser oprimido. Para dizer isso em outros termos, são as mesmas pessoas em diferentes posições de sujeito.

Portugal (e também outras potências coloniais), no decurso do sistema de colonização e de diversas maneiras, buscou abafar a civilização dos africanos e impor-lhes a cultura europeia e ocidental, valorizando os africanos assimilados, aqueles que abandonavam o modo de ser reconhecido como mais africano e se comportavam, tanto quanto possível, como europeus. Tais dúvidas, questionamentos e reflexões integram numerosos livros literários africanos produzindo enorme gama de sentidos e operando também como peças retóricas buscando provar teses.

Por mais violenta, agressiva e sistemática que tenha se caracterizado a ação ocidental contra a identidade negra, mostra-se fundamental não perder de vista manifestações identitárias de resistência dos negros africanos, como a negritude. A negritude conceitua-se como um sentimento de solidariedade que une os negros, historicamente vítimas de inferiorização e negação da humanidade pelo mundo ocidental (Munanga, 2009, p.20). À luz da negritude, busca-se revalorizar a cultura e a identidade negras e fazer do negro o agente de sua história. Nesse sentido, pode ser vista como arma de combate, de engajamento e de união.

A literatura africana de língua portuguesa exterioriza fortemente a negritude, que, segundo se notou, expressa o orgulho de ser negro, convocando todos os negros a se unirem e a se libertarem da opressão histórica. Trata-se do sentimento positivo e eufórico de pertencer à cultura negra. A literatura acolhe a redescoberta do próprio passado, da própria cultura e identidade, dos próprios ancestrais, da própria língua, valorizando a visão de mundo do negro. Nessa ordem de proposta, a África passa a ter globalmente uma posição de destaque que o eurocentrismo lhe negou sistematicamente.



Por evidente que a experiência da diáspora insuflou a questão identitária dos africanos e de todos que se sentiram exilados de suas nações de origem. Caracteriza-se o fenômeno diaspórico como dispersão desagregadora de pessoas, que acabam vivendo distantes da terra natal em experiência de exílio. Aschcroft et al (2012, p.254) indicam que a diáspora não se limita à percepção geográfica uma vez que termina por originar espinhosas questões de identidade, de memória e de pátria, ligadas, antes, a questões existenciais, religiosas, espirituais, culturais e simbólicas.

Logo, tal processo acarreta nas vítimas da diáspora sentimento de deslocamento forçado, de alienação, de perda, de desenraizamento, de nostalgia, de enfraquecimento, de crise identitária (Cashmore, 2000). Segundo informações de Lopes (2004, p.236), a Diáspora Africana deve ser entendida como fenômeno dividido em dois momentos. O primeiro, a partir do século XV, fundamentou-se no comércio de escravos de cerca de 10 milhões de africanos, e o segundo, a partir do século XX, representado pela imigração para a Europa, em direção às antigas metrópoles coloniais.

De outro ângulo, é possível enxergar na diáspora também uma ação da qual se originou, em boa escala, o multiculturalismo e suas consequências. O multiculturalismo lida com a figura do outro, que, por seu turno, participa da construção da identidade, pois as pessoas apenas se percebem ao perceberem o outro (princípio da alteridade). Com frequência, o outro surge como uma ameaça, porque, sendo diferente, explicita a incompletude de alguém, bem como a possibilidade deste alguém não se enquadrar no padrão universal e de não poder ditar normas de comportamento e valores de alcance geral. Daí assomam, como defesa, os julgamentos negativos sobre o outro e o preconceito e suas variantes detestáveis.

Os europeus colonizadores consideram-se o centro da existência, o núcleo, a régua, enfim, o parâmetro baseado no qual a realidade seria mensurada e valorada. Dessa ótica, natural que os colonizados de outros continentes seriam os diferentes, a margem, a periferia, precisando ser “corrigidos” por serem, em essência, os errados.

Numa sociedade em que resiste a antiga dominação do colonizador sobre o colonizado estruturalmente (colonialidade), toda culpa é do outro (o que foi colonizado), mesmo porque o outro atua como bode expiatório. Dessa forma, se existe cabelo feio, este é o do outro; se há uma cultura inferior, esta é a do outro; se há costumes ditos bárbaros e selvagens, estes são dos outros. O outro foi e continua sendo plasmado pelo discurso maniqueísta e imperialista do colonizador, em que o centro age ideologicamente na criação da periferia. (Campato Jr., 2016).

Um fenômeno decorrente dessa situação consiste na tentativa da parte do centro de criar e divulgar mitos desabonadores a respeito dos nativos colonizados e a serem colonizados (Bonnici, 2005). O colonizador europeu para ressaltar sua hipotética superioridade e a necessidade de colonizar

os africanos forja mitos negativos sobre eles que ecoam até hoje. O discurso europeu instila a concepção de que os nativos – como os negros e os indígenas - são preguiçosos, incivilizados, perversos, sexualmente exagerados, selvagens e violentos. Tal como arremata Munanga (2009, p.35): “Todas as qualidades humanas vão ser retiradas do negro, uma por uma”.

Mediante essa estratégia de cunho ideológico e preconceituoso, criava-se na consciência do próprio nativo a ideia de que ele é desumano, requerendo a ajuda do colonizador para chegar à civilização legítima. Não é difícil de concluir que semelhante construção da identidade do outro lista-se entre uma das formas de legitimação de seu controle.

Nota-se, da mesma forma, que os mitos até aqui ilustrados se amparam na concepção de raça dos racistas, que, em certa quadra, sob falsa base científica, eram do firme parecer de que existiam raças – cada uma com particularidades biológicas bem evidentes e singulares - umas superiores às outras, legitimando o preconceito, a exploração econômica e a discriminação racial.

O conceito de raça dos racistas não passou de embuste científico, invenção mal-intencionada para naturalizar relações de poder escoradas na injustiça, “socialmente eficazes para construir, manter e reproduzir diferenças e privilégios” (Guimarães, 2009, p.67). Inexistem raças humanas; todos seres humanos fazem parte de uma mesma espécie, a humana. A esse respeito, é suficientemente explícito Guido Barbujani (2007, p.158):

Quando dizemos que no homem não há raças, (...) queremos falar do fato de que não se encontrou nunca, em que pesem séculos de tentativa, um modo para traçar fronteiras biológicas claras entre as populações humanas. Na África, na Ásia, na Europa, na Oceania e na América encontramos essencialmente as mesmas variantes gênicas, em proporções diferentes; ninguém ainda conseguiu definir uma raça com base em características genéticas, tomadas isoladamente ou em combinação, compartilhadas por todos os seus membros e raras ou ausentes em quem não faz parte daquela raça.

A noção de raça humana, embora continuando a ser biologicamente inaceitável, ainda se mostra útil e operacional quando empregada no campo das ciências sociais e no terreno político, visto que essa noção de raça auxilia no entendimento de olhares desvalorizadores ou valorizadores com relação a algumas populações, etnias, grupos, que ficam à mercê das potências ocidentais. Nunca se deve esquecer que tais ideias – principalmente sua gênese, desenvolvimento, mudanças e histórias – são discursos que se concretizaram, se concretizam e se concretizarão em textos, que, por seu turno, formarão a literatura de uma nação, país, etnia, etc.

Como consequência desse complexo ideológico racial, instaurou-se a concepção segundo a qual certas nações tinham como destino civilizar outros povos de estágios pretensamente inferiores de desenvolvimento, isto é, os outros. Trata-se de uma forma de camuflar e de legalizar a natureza

exploradora das relações entre colonizador e colonizado, salientando que o jugo colonial serve aos interesses dos colonizados, que se encontram num estágio parecido ao da infância, da imaturidade, da irresponsabilidade; enfim, da selvageria. (Bonnici, 2005).

## ANÁLISE RETÓRICA DE “POEMA DE UM ASSIMILADO DE AGNELO REGALLA”

Agnelo Augusto Regalla nasceu a 09 de julho de 1952, em Campeane, na região de Tombali, na Guiné-Bissau, graduando-se em jornalismo na França. Atuou como Secretário da Informação da Guiné-Bissau por dois mandatos. Em 1995, fundou a Rádio Bombolom FM e, em 2013, tomou parte na criação da Associação de Escritores da Guiné-Bissau. Desempenhou, entre 2009 e 2012, as funções de Conselheiro e de Porta-Voz de Malam Bacai Sanhá, ex-Presidente da República da Guiné-Bissau.

Entre suas principais obras na esfera literária, contam-se as participações nas seguintes antologias coletivas de poesia, todas de elevada relevância histórica e estética para a arte da Guiné-Bissau: *Antologia Temática de Poesia Africana* (1976), com um poema; *Mantilhas para quem luta* (1977), com sete poemas; *Antologia Poética da Guiné-Bissau* (1990), com dezesseis poemas; *No Ritmo dos Tantãs* (1991), com um poema; *Eco do Pranto* (1992), com seis poemas; e *Portuguesia* (2009), com cinco poemas. Publicou, ademais, composições em revistas da Guiné-Bissau, da França e da Alemanha. (Campato Jr., 2016).

Aderindo a uma feição nuclearmente política, a arte de Agnelo Regalla está em consonância com boa parcela de sua biografia. Isso porque o poeta, para além de ter vivenciado o colonialismo e a guerra de independência na Guiné-Bissau, foi membro do Comitê Central do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo-Verde, o PAIGC, tendo sido, em duas oportunidades, eleito deputado na Assembleia Popular Nacional. Em decorrência de uma biografia de lutas, é compreensível que o conteúdo social seja o protagonista de seus versos. Trata-se de poesia militante para a qual importa propagar com eficiência mensagem libertadora e conscientizadora aliada à intermediação da arte.

O texto de Agnelo Regalla em análise é “Poema de um Assimilado”, clássico das literaturas africanas de língua portuguesa, vindo a lume em Conacri, no ano de 1973, antes, pois, da independência guineense. Foi publicado na coletânea *Mantilhas para quem Luta*. A criação tematiza a ideologia da assimilação. Concebida no contexto do Estatuto do Indigenato (1929-1961), e intensificada durante a ditadura de António Salazar, a assimilação admitia reconhecer os africanos como civilizados com a rigorosa condição de que aceitassem passar por um processo identitário de europeização. Para que essa nova condição se consumasse, cabia ao colonizados abandonar

vestimentas, costumes, religião, línguas originais em favor de um modo europeu de ser e de se comportar. (Rusell Hamilton (2006, p.xii):

No juízo de Munanga (2009, p. 83), a assimilação cultural consiste no “processo pelo qual o negro colonizado deveria adotar a cultura do branco colonizador, para nela se integrar”. À primeira vista, o evento poderia ser recepcionado favoravelmente, já que se apresentaria a possibilidade de diminuir a distância entre os “comandados” e os “comandantes”. Todavia, o projeto ocultava um posicionamento colonizador, que poderia, por sinal, conduzir o colonizado a adotar a autoimagem que o dominador queria lhe impingir.

Segundo Souza (2019, p. 84), tornavam-se assimilados

os membros da população nativa que fossem falantes de português e adotassem hábitos europeus como comer de garfo e faca, ter religião católica e abandonar a prática da cultura(s) africana(s). Essas pessoas deixariam de ser chamados de indígenas para serem considerados assimilados, uma espécie de civilizados de segunda ordem, abaixo dos portugueses, que são civilizados desde o nascimento.

Eis “Poema de um Assimilado”:

Fui levado  
A conhecer a Nona Sinfonia  
Beethoven e Mozart  
Na música  
Dante, Petrarca e Bocácio  
Na literatura.  
Fui levado a conhecer  
A sua cultura...  
Mas de ti, Mãe África,  
Que conheço eu de ti?  
Que conheço eu de ti?  
A não ser o que me impingiram?  
O tribalismo, o subdesenvolvimento,  
E a fome e a miséria  
Como complementos...  
Não me falaram de ti  
E dos teus filhos, Mãe África.  
Esqueceram-se  
De Samory e Abdelkader,  
Cabral e Modlane,  
Lumumba e Henda,  
Lutuli e Ben Barka.  
Não me falaram da revolução  
De Canhe Na N’Tuguê e Domingos Ramos  
De Areolino e Pansau,  
De Guerra Mendes e Ludjero  
Mas falaram-me dos Bandas e Honórios,  
Dos que te esqueceram

E fugiram à doce melodia  
Dos Corás.

(Regalla, 1993, p.15-16)

Antes de avançar na análise retórica proposta, vale a pena transcrever as palavras esclarecedoras de Augel (1998, p.190) a respeito de “Poema de um Assimilado”:

Os jovens intelectuais dos primeiros momentos da pátria libertada conhecem muito bem a ambiguidade em que vive o africano esclarecido e consciente, sofrendo as consequências da secular colonização que traz consigo o alheamento, o desenraizamento por parte do colonizado. A perda de seus valores, distanciando-se da sua cultura ao esforçar por internalizar, por oportunismo ou por educação, valores alienígenas, provoca um grande drama interior, fazendo-o estranho e estrangeiro dentro do seu próprio país. O assimilado é um ser ambivalente e controverso. E o motivo desse estranhamento e dessa alienação, que vem provocar uma verdadeira ruptura na identidade africana, é expresso de modo exemplar por Agnelo Regalla

Esposando a terminologia de Amossy (2018) e julgando a argumentatividade inerente a qualquer discurso (Grácio, 2013), em “Poema de um Assimilado”, está-se diante de um discurso de dimensão argumentativa e não de visada argumentativa. Isto quer dizer que a composição de Regalla não se exhibe explicitamente como um texto arquitetado deliberada e explicitamente para persuadir, para impactar retoricamente, como é o caso de um manifesto, de um editorial, de um sermão, de um debate eleitoral, de uma sustentação no tribunal, em que a intenção de persuadir mostra-se a própria razão de existência do texto. “Poema de um Assimilado” é, de preferência, um poema do modo lírico-confessional, escrito com a finalidade de ser reconhecido, principalmente, como um poema e para ser lido e valorado como tal, solicitando, por isso, certo protocolo convencional de leitura literária. Apesar disso, textos de dimensão argumentativa apresentam configurações persuasivas em seu projeto estético, e, no texto de Regalla, essa configuração é saliente, contribuindo de forma decisiva para a produção de sentidos do texto. Essa quase indecisão entre visada e dimensão argumentativa explica-se, para além da faceta militante da literatura guineense, como uma entre as várias tensões que o texto enuncia.

O poema compõe um discurso originário de uma questão envolvendo posições, que, por sua vez, dão existência a partidos contrários cada um dos quais defendendo, concretamente ou apenas virtualmente, uma proposição ou tese singular. A situação retórica estriba-se numa tomada de posição do eu lírico/orador diante de uma questão dialética que gira em torno da identidade híbrida de um cidadão que, nascido em país colonizado, é tornado/torna-se assimilado. Uma das muitas possibilidades de verbalizar essa questão seria a seguinte: “A negociação identitária de um assimilado ocorre de forma tensa ou distensa?”. Trata-se de pergunta dialética cuja resposta não se enquadra no

campo da ciência nem dos fatos, mas apenas do verossímil e das opiniões, que é exatamente o mundo da retórica.

No que atende ao estado da questão, o orador não nega que tenha existido uma tensão, uma fragmentação identitária responsável por seu desconforto existencial e político, o qual se tornou tema e título do poema em análise. Também não nega – mesmo que isso esteja expresso nas entrelinhas do texto – que essa tensão é relativa a aceitar ou não um processo chamado de assimilação muito em virtude de uma ignorância que o conduziram a ter. Com exatidão, pode-se asseverar que a causa que alimenta o debate não se situa nem no estado da conjectura nem no estado da definição. O orador sinaliza, pelo contrário, que o centro do embate retórico se posiciona nas circunstâncias que explicam ou relativizam a assimilação.

O poema configura-se como um projeto retórico por meio do qual o orador/eu lírico quer persuadir – ainda que com a intermediação do modo lírico - o auditório da tese segundo a qual levaram a ter uma vida de alienação identitária em que a cultura europeia do colonizador foi valorizada demasiadamente em detrimento da cultura guineense, numa hierarquização de valores de base assimilacionista, na qual o importado reveste-se de um status mais valorizado do que o nativo. Desde já, fique assente que o poema é, nas suas linhas fundamentais, um caso em que a vivência do orador pode servir de lição mostrando que sua experiência particular pode ilustrar e esclarecer o estado de muitos africanos. Para além da lição, não se deve esquecer seu alcance modelar, o que só intensifica a persuasão.

Tal posicionamento alienado – quer igualmente o orador provar - não lhe sobreveio naturalmente, mas procedeu, ao mesmo tempo, de injunção sistemática, voluntária e calculada do europeu que desejou fazer do africano o “outro”, o marginal e o periférico, para, em seguida, cooptá-lo em direção ao centro, o que equivale a dizer para o Ocidente imperial. A cooptação foi tão bem realizada que o orador ficou em estado de ignorância em relação à realidade guineense, mormente em suas facetas mais positivas. Ao que tudo indica, a tensão que move o orador em seu discurso proveio principalmente de um projeto ideológico europeu, mas também de uma relativa apatia do próprio orador em romper com essa ignorância.

A assimilação ilustra o discurso imperial que pode conceder foros de civilidade aos outros e agir contrariamente a uma eventual visão multicultural da realidade. O multiculturalismo refere-se à coexistência entre grupos étnicos e culturalmente diferentes em uma sociedade pluralista (Cashmore, 1996, p.371). Candau (2010) enumera três abordagens habituais do fenômeno multicultural: a assimilacionista (incorporação de todos numa cultura hegemônica), a diferencialista (reconhecimento das diferenças e em espaços próprios e específicos) e a interativa (promoção da inter-relação de

diferentes grupos culturais, concebendo as culturas em contínuo processo de elaboração; hibridização cultural). Da presença ou não da prática multicultural dependerá um proceder que reconheça o outro, uma educação aberta para o diálogo e para a negociação cultural e que favoreça a construção de um projeto humano comum.

A imposição no caso em estudo deixa-se fixar, pela vertente linguística, no manuseio de numerosas formas verbais do poema: “fui levado a”, “não me falaram de”, “a não ser o que me impingiram”, “mas falaram-me de”. É como se o orador pretendesse convencer o auditório de que a ação externa do colonizador dá azo a uma lavagem cerebral à qual muito dificilmente se resiste. E, se ele foi atingido, qualquer um pode sê-lo, num raciocínio patético que busca provocar a piedade e o temor no auditório. Por certo que essa conscientização ocasiona um drama interior no eu lírico, expresso, de quando em quando, por sentimento de relativa culpa, como na apóstrofe de sabor altissonante: “Mas de ti, Mãe África, / Que conheço eu de ti? / Que conheço eu de ti”, que, também, por conta da repetição dos versos, acaba por atingir a camada mais emotiva do auditório, fortalecendo a comunhão entre o orador e o auditório, bem como captando sua atenção.

Ainda sobre o autor-orador, cuide-se para não passar despercebido que ele possui reputação prévia (*ethos* pré-discursivo) positiva, que não se choca com os valores da maioria dos leitores do poema, a não ser a minoria colonialista da Guiné-Bissau: trata-se de Agnello Regalla. Regalla, diante de assunto controverso, endereça-se, com autoridade e conhecimento de causa (provas éticas), ao auditório visando persuadi-lo a respeito de uma questão de vivo interesse para uma coletividade. No mais, é válido ressaltar o quanto o orador inscreve suas marcas na materialidade do discurso mediante o emprego de formas verbais e pronomes que remetem à primeira pessoa gramatical, acentuando a presença do orador na consciência do auditório.

Cumpra tentar caracterizar, na medida do possível, o auditório que o poema-discurso de Agnelo Regalla, dotado de relativa consciência, constrói e busca influenciar explícita ou implicitamente pela argumentação. Apesar das lacunas, fluidez e incertezas desse exercício de crítica retórica, é inescapável que se trata de um público interlocutor interessado em questões político-históricas, no contexto das quais sobressai o problema do colonialismo, do pós-colonialismo, da colonialidade e da identidade.

Mais particularmente, o auditório pretendido guarda fortes implicações com a cultura lusitana e com sua presença na África, de cuja civilização os leitores também exibem determinado conhecimento, sendo as alusões do orador à história da África prova inequívoca disso e uma estratégia para estabelecer um eficaz sentimento de comunhão. O discurso de Regalla, igualmente, ao reproduzir um diálogo, constrói um auditório interno, o próprio continente africano, a quem se dirige nominalmente por várias

ocasiões, intensificando a carga emotiva do poema e oferecendo força às provas éticas, que apontariam, assim, para uma relação de intimidade com uma África personificada, com quem o enunciador tem a máxima intimidade para se dirigir.

Ao meditar a respeito da alienação e do fato de que tentaram inculcar-lhe, à força, imagem negativa e desfocada de sua cultura e de seu povo (o tribalismo, a fome, a miséria, o subdesenvolvimento surgidos numa enumeração intensificadora e patética), o eu lírico parece dar um passo em direção a uma conscientização, a uma afirmação cultural e a busca de uma identidade renovada, ao mesmo tempo, coletiva e singular, que passa pela africanidade, pela negritude e pela guienidade, num enfrentamento de valores e de sua hierarquia,

Representar negativamente a cultura autóctone do africano – artifício que o sujeito poético/orador desvenda – é típico do discurso colonial. Nas palavras de Homi K. Bhabha (2007, p.111), tal discurso tem por finalidade “apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução”.

É como foi atrás aludido uma junção eurocêntrica e racista da veiculação dos mitos sobre os nativos associados à visão civilizadora ocidental. Isso tudo termina por oferecer ensejo ao orador para avançar o discurso de molde a sistematizar uma oposição bem clara entre africanos e europeus colonialistas. Os últimos empenham-se num processo cujo objetivo final é denegrir a identidade dos habitantes da África pela ignorância de sua cultura; os primeiros militam na direção de desconstruir esse objetivo e reconstruir uma imagem positiva da África.

Por conta disso, um dos processos argumentativos mais importantes de que o orador se vale avizinha-se do argumento por dissociação (Perelman, Olbrechts-Tyteca, 1998; Fiorin, 2015). No caso, dissociação da noção de África, que, de constructo uno e inteiriço, passa a ser uma realidade complexa não apenas constituída dos tópicos que os europeus querem divulgar e sedimentar sobre ela na mente do auditório, mas também daquilo que deve ser enaltecido como sendo características da África que sempre foram caladas por motivos ideológicos e por interesses políticos e econômicos.

Nessa mesma esfera argumentativa, identifica-se uma tentativa de revelar que a aparência do continente africano é enganosa, devendo sua essência ser exposta urgentemente. Isso porque é de rotina associar uma suposta inferioridade da África em relação à superioridade da Europa como sendo da ordem da pobreza econômica e cultural, num par mecanicamente associado: Europa >África, em que o primeiro termo é avaliado positivamente de forma maniqueísta e distante da neutralidade.

Assim sendo e apesar de seu relativo estado de ignorância, o orador contrapõe a cada dado da realidade africana que repercute mal informações que, diferentemente, exemplificam uma África da



qual os africanos têm de se orgulhar no campo da arte, dos costumes, dos líderes políticos, dos heróis nacionais, entre outros elementos com os quais se desconstrói uma visão distorcida, que tentava reduzir a África múltipla a uma realidade una e engessada. Eis uma das estratégias – quer afirmar o orador – usadas para que os africanos se distanciem da sua identidade primeira e desejem aproximar-se de outras culturas às quais querem se assimilar de corpo e alma. Se bem que nesses aspectos sobressaia um fato subjetivo, há um processo exterior que torna alheios os africanos ao valor de suas terras e hábitos. É um processo seletivo e ideológico que se cala a respeito das coisas boas e divulga aos quatro cantos o que existe de pernicioso na África.

Nesta altura das ponderações, vale ocupar-se, embora brevemente, dos gêneros retóricos nos quais se enquadra “Poema de um Assimilado”. Predomina o gênero judiciário na medida em que o discurso se volta ao passado refletindo a propósito do processo de assimilação imposto ou nem tanto ao orador e de sua posterior descoberta. O orador semelha, a um só tempo, acusar-se (não reagiu devidamente à ignorância, sendo passivo) e defender-se (o fato de ter sido vítima de ação orquestrada poderosa) do distanciamento em relação à África, originado daí uma tensão identitária que percorre o texto por inteiro. No gênero judiciário, o auditório age como um juiz, condenando ou absolvendo, com base nos valores do justo e do injusto, daí a razão do esforço argumentativo do orador.

Similarmente, reconhecem-se traços do gênero deliberativo em “Poema de um Assimilado”. Isso porque o texto também se projeta no tempo futuro haja vista que a argumentação do orador planeja ser válida também para as novas gerações de africanos que se depararão com questões identitárias. Nessa vertente, o texto constrói-se como um guia de aconselhamento futuro que se deseja útil, apontando para a necessidade de abandonar as mistificações nocivas sobre o continente africano, que deve ser abordado sem eurocentrismo e sem mitos sobre os nativos. Por fim, o texto de Regalla também se encaixa no gênero epidítico ou laudatório, pois é possível significá-lo como um discurso de louvor, de renovação positiva dos valores africanos, gerando uma atitude no auditório de revalorizar-se como africano e como negro com base no bom e no belo.

Os três versos com os quais o texto se encerra (“Dos que te esqueceram / E fugiram / À doce melodia dos Corás”) ostenta apreciável fecho lírico, além de condensar expressivo pensamento desenvolvido durante o poema. Sob esse prisma, atente-se para as palavras de Martinho (1978, p.160), no ensaio publicado no segundo número da revista *África*: “No final do poema, ‘a doce melodia / doscorás’ assume a dimensão emblemática dos valores traídos pelos africanos que não puseram em questão a cultura do colonizador”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao submeter “O Poema de um Assimilado” ao modelo retórico de análise textual, cunhado por Dante Tringali (1988, 2014) com esteio em Aristóteles e em outros retores antigos de destacado relevo, programou-se realçar de maneira sistemática o quanto o texto de Agnelo Regalla deve considerável quinhão de seu significado à técnica retórica, técnica esta que, no decorrer de fartos anos, constituiu o repertório intelectual de inúmeros acadêmicos, estudiosos e artistas, quer seja diretamente, quer seja indiretamente.

A retórica no exame do poema/discurso em tela explicitou e problematizou o quanto a questão da identidade cultural está imersa em oceano profundo de complexidades, contradições e indefinições, culminando no tensionamento gerado pela assimilação, condição social, cultural e histórica a que chegou o orador/eu-lírico/autor do texto.

O orador tira partido das estratégias da retórica com vistas a tentar persuadir o auditório de sua existência desconfortável – e inelutável, quase se diria - diante da condição de assimilado, que não deixa de ser um uma condição também produzida pela ação da palavra e do discurso da elite. Ao fim e ao cabo, o orador demanda compreensão de seu destino relativamente vexatório, mas, na mesma proporção, parece alertar, com certo empenho, os que ainda virão a não cometerem o mesmo erro de cair na alienação por força da ignorância, da passividade e do preconceito que surge dos outros. Nada em questões identitária é simples.

## REFERÊNCIAS

- AMOSSY, R. (2018). *A argumentação no discurso*. São Paulo: Contexto.
- ASCROFT, B.; GRIFFITHS, G.; TIFFIN, H. (2012). *L'empire vous répond: théorie et pratiques des littératures post-coloniales*. Bourdeaux: Presses Universitaires de Bourdeaux.
- AUGEL, M. P. (1998). *A nova literatura da Guiné-Bissau*. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, (Coleção Kebur, 8).
- BARBUJANI, G. (2007). *A invenção das raças*. São Paulo: Contexto.
- BHABHA, H. K. (2007). *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- BONNICI, T. (2005). *Conceitos-chave da teoria pós-colonial*. Maringa: Eduem.
- CAMPATO JR. J. A. (2013). *A Poesia da Guiné-Bissau: história e crítica*. São Paulo: Arte & Ciência.

- CAMPATO, JR., J. A. (2016). *Manual de literaturas de língua portuguesa: Portugal, Brasil, África Lusófona e Timor-Leste*. Curitiba: CRV; Rio de Janeiro: OPLOP.
- CANDAU, V. M. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, A. F; CANDAU, V. M. (2010). *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. 5.ed. Petrópolis Vozes.
- CASHMORE, E. (Org.) (2000). *Dicionário de relações étnicas e raciais*. São Paulo: Summus.
- CHARAUDEAU, P. Identidade linguística, identidade cultural: uma relação paradoxal. In: LARA, G. P; LIMBERTI, R. P. (2015). *Discurso e (des)igualdade social*. São Paulo: Contexto.
- COUTO, H. H.; EMBALÓ, F. (2010). Literatura, Língua e Cultura na Guiné-Bissau: Um país de CPLP. *Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares, Pápiá*, n. 20, Brasília, 256 p.
- FIORIN, J. L. (2015). *A argumentação*. São Paulo: Contexto.
- GOMES, A; CAVACA, F. (1997). *A literatura na Guiné-Bissau*. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- GRACIO, R. A. (2013). *Vocabulário crítico de argumentação*. Coimbra: Grácio Editor.
- GUIMARÃES, A. S. A. (2009). *Racismo e antirracismo no Brasil*. 3.ed. São Paulo: Editora 34.
- HALL, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A.
- HAMILTON, R. Introdução. In: SEPÚLVEDA, M. C.; SALGADO, M. T. (2006). *África & Brasil: letras em laços*. São Caetano do Sul: Yendis.
- KOCH, I. G. V. (2010). *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto.
- LOPES, N. (2004). *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*. São Paulo: Selo Negro.
- MARTINHO, F. J. B. (1978). A nova poesia da Guiné-Bissau. *África*, Lisboa, v.1, n.2, p.157-163.
- MOITA LOPES, L. P. (2002). *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras.
- MUNANGA, K. (2009). *Negritude: usos e sentidos*. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica.
- PERELMAN, C; OLBRECHTS-TYTECA, L. (1996). *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes.
- REBOUL, Olivier. (2004). *Introdução à retórica*: São Paulo: Martins Fontes.
- REGALLA, A. (1993). Poema de um assimilado. In: *Mantinhas paraquem luta: a nova poesia da Guiné*. 2.ed. Bissau: Conselho Nacional de Cultura, p.15-16.
- RIBEIRO, M. A. (1997). Guiné-Bissau. In: *Biblos*. Lisboa: Editorial Verbo, v.2. p.934-938.

RODRIGUES, A. D. (1996). *Dimensões pragmáticas do sentido*. Lisboa: Cosmos.

SOUZA, S. P. (2019). Educação em Moçambique: a política do assimilado trilhando o caminho de privilégio da língua portuguesa no ensino. *Crítica Educativa* (Sorocaba/SP), v. 5, n. 1, p. 77-91.

TRAVAGLIA, L. C. (2009). *Gramática e interação: uma proposta para o ensino da gramática*. São Paulo: Cortez.

TRINGALI, D. (2014). *A retórica antiga e as outras retóricas: a retórica como crítica literária*. São Paulo: Musa.

TRINGALI, D. (1988). *Introdução à retórica: a retórica como crítica literária*. São Paulo: Duas Cidades.